

**EMBRAPA - PROJETO AGROFUTURO**

**NÚCLEO PILOTO DE INFORMAÇÃO E GESTÃO TECNOLÓGICA  
PARA A AGRICULTURA FAMILIAR  
TERRITÓRIO DO SISAL**

**Zoneamento e tipologia dos agricultores no Território do Sisal.**

**Relatório da missão de 14 a 17 de julho de 2008**

**Marc Piraux CIRAD/UFCG  
Sergio Guilherme de Azevedo EMBRAPA SEMI-ÁRIDO**

**Julho de 2008**

## **Objetivo da missão**

A missão tem como objetivo a realização de um estudo das dinâmicas territoriais do Território do Sisal, como forma de apoiar o planejamento das ações através do Projeto Agrofuturo - Núcleo Piloto de Informação e Gestão Tecnológica para a Agricultura Familiar no Território do Sisal-BA.

A realização de um zoneamento do território e de uma tipologia dos agricultores familiares devem ajudar o núcleo a desenvolver uma abordagem sistêmica. Uma visão integrada e compartilhada de um diagnóstico possibilita aos atores sociais evitar as perspectivas de recorte estritamente setorial, que apesar do conhecimento mais especializado que produzem, não permitem uma visão sistêmica, apoiando dessa forma a discussão e o planejamento das ações do núcleo a serem implementadas com bases sustentáveis.

O objetivo específico era de retratar e compreender a diversidade e a complexidade das situações agrárias e das atividades produtivas existentes desse Território, pela identificação de zonas que constituem cada uma, um conjunto homogêneo da problemática de desenvolvimento rural e a partir de uma tipologia que permite uma caracterização da diversidade social dos agricultores familiares.

Foi tentada a produção de um novo diagnóstico, como forma de dar um maior sentido aos já existentes no Território.

A missão teve, também, como objetivo uma avaliação das atividades do projeto, definidas em julho de 2007.

## **Metodologia**

A análise das dinâmicas territoriais permite entender o funcionamento do território e sua evolução. Se considerarmos o território como um sistema, uma análise das dinâmicas vai permitir apreender as relações entre os diversos componentes (econômicos, sociais, ambientais, espaciais) que o constituem e estão interligadas por fortes interações. Qualquer projeto de desenvolvimento num território deveria, portanto, partir de uma análise das dinâmicas, a fim de enriquecer o diagnóstico por uma visão sistêmica, para facilitar a visão do futuro e poder avaliar a pertinência das medidas propostas por um projeto e seus possíveis impactos. Aí estão os fundamentos da abordagem territorial, fundada na noção de meio e de recursos locais, que indica que existe uma lógica do desenvolvimento que parte das dinâmicas dos territórios, e que precisa, portanto, entender para eventualmente monitorá-las.

A metodologia privilegia duas ferramentas. Primeiro, o zoneamento por entrevistas com pessoas-chave e o instrumento a ser utilizado para representação da diversidade do território por meio da estratificação de seu espaço em unidades espaciais homogêneas, na qual os recursos produtivos, seu uso, sua valorização pela sociedade e as limitações enfrentadas constituem um conjunto homogêneo da problemática de desenvolvimento, cuja variabilidade é mínima, de acordo com a escola cartográfica. A metodologia compreende as seguintes etapas:

- a. Identificação dos dados científicos disponíveis sobre os municípios, em particular, o material cartográfico e sua seleção;
- b. Preparação e definição das entrevistas;
- c. Entrevistas e identificação da diversidade das situações locais;
- d. Confrontação dos resultados das diferentes entrevistas;
- e. Confrontação com as informações existentes;
- f. Análise e caracterização – funcionamento dos diversos sistemas agrários, tendências de evolução espacial e social;
- g. Elaboração do mapa final e restituição a diferentes agentes e atores locais.

A segunda ferramenta é a tipologia social que permite de entender a diversidade social. O objetivo é de caracterizar grupos de agricultores cuja situação (estratégias, características estruturais, problemas) e semelhança. Isso permitiria refletir a diversidade e a coerência das ações.

Para entender os fatores de diferenciações espaciais, a análise proposta privilegia em primeiro lugar a compreensão dos fatores de diferenciações espaciais que resultam da expressão dos projetos dos grupos sociais no território. Essas diferenciações espaciais podem ser analisadas estabelecendo uma relação entre certo número de variáveis tiradas de bases de dados existentes (como o Atlas de Desenvolvimento Humano) ou de entrevistas com pessoas-chaves do território. Essas variáveis são as seguintes:

- Os elementos físicos que estruturam o território, (o relevo, as estradas, as cidades, o local onde se situam os recursos naturais, principalmente a água).
- A repartição de algumas características próprias sociais a cada município, como a taxa de pobreza, os IDH, a taxa de urbanização, a densidade populacional, o analfabetismo, as

desigualdades e a renda *per capita* ; estes dados podem ser conseguidos e representados em mapas a partir do Atlas de Desenvolvimento Humano (PNUD).

- A repartição espacial dos sistemas agrários (sistemas de produção, tamanho dos estabelecimentos, tipo de atividades) que precisa ser identificada a partir de entrevistas específicas com pessoas-chaves ao nível do território. Uma tipologia dos agricultores pode ser construída a partir dessa repartição.
- Os fatores sociais (enfocando particularmente o número e o poder das organizações sociais, das cooperativas ou dos sindicatos, a presença do setor privado, as formas de acesso, de apropriação e de uso dos recursos). Esses elementos precisam novamente constituir os temas de entrevistas com atores locais.

O objetivo é identificar os fatores que vão explicar a localização das atividades : compreender porque uma atividade (ou a presença de sistemas de produção específicos) se desenvolveu num lugar específico e como pôde se desenvolver aí (que seja em função do nível de intervenção das organizações, da disponibilidade dos recursos naturais...). O importante é privilegiar uma leitura cruzada entre os diversos componentes. Podemos assim, caracterizar o que chamaremos de elementos estruturantes do Território, quer dizer, os elementos que explicam a diversidade espacial. Essa análise permite estabelecer uma tipologia do espaço, conjugando as caracterizações de cada uma das zonas e seus fatores de diferenciações. O mapa é um meio ideal para representar as diferenciações espaciais, mas não é o único. Um esquema simples pode ser mais eficaz que mapas complicados. Trata-se, de fato, de hierarquizar os elementos a fim de oferecer uma leitura simplificada da realidade, que permita, na restituição, fazer entender essa tipologia.

Tratam-se, no decorrer da etapa seguinte, de focar as evoluções de curta duração, sobretudo os fenômenos de deslocamentos cotidianos e os fluxos dos produtos agrícolas (locais de produção e de comercialização). Algumas setas representadas nos mapas produzidos nas etapas anteriores constituem a maneira mais simples de representar esses fluxos.

Com certeza, o zoneamento e a tipologia são instrumentos de modelização, de simplificação e de representação da realidade. Eles devem ser usados a partir dessas considerações. Procurando realmente apreender as dinâmicas territoriais. Faltam ainda a análise das condições de governança e das relações entre os diferentes grupos de atores. Estes pontos serão discutidos nas conclusões.

Gostaríamos de destacar que os resultados foram atintos somente em 3 dias de entrevistas e de síntese. Um trabalho de validação e de refinamento das informações torna-se necessário. Ele é de fato incompleto e, com certeza, pode sofrer algumas imprecisões.

O programa da missão foi o seguinte:

- dia 1: apresentação dos objetivos da missão, primeiro trabalho em grupo com 8 pessoas.
- dia 2: entrevistas com 6 pessoas-chaves e síntese
- dia 3 : entrevistas com 3 pessoas-chaves, síntese e apresentação ao comitê para validação.

Um pequeno grupo de 4 pessoas participou de todas as fases do trabalho. Nesse relatório, não é previsto uma apresentação geral do território que já consta de outros documentos.

#### **4 regiões bem diferenciadas no território**

Os resultados obtidos permitiram a elaboração de uma tipologia espacial do território do sisal.



*Mapa 1 : as regiões do Território do Sisal.*

Ela distingue 4 zonas, representada no mapa 1, cujo funcionamento e atividades parecem diferentes:

- a zona Norte, marcada pela seca mais forte, pelo isolamento, pelo relevo mais acentuado e predominância da caprinovinocultura;
- a zona de predominância do sisal e da pecuária (Oeste), integrada ao mercado e que estrutura a vida econômica e social do território;
- a zona da agricultura muito diversificada e peri-urbana (Sul), estruturada pela cidade de Serrinha;
- a zona do milho e do feijão intensivos e de uma agricultura diversificada (Leste do território).

As diferenciações são os resultados da estruturação pelas estradas, cidades e pelos elementos biofísicos: a repartição das chuvas, dos solos e do relevo. Estes elementos têm influência direta sobre as atividades desenvolvidas, sobre os indicadores sociais, os fluxos de população, a apropriação da terra e o meio-ambiente.

Ao insistirmos sobre as diferenças, temos que reconhecer também os aspectos comuns que contribuem para construir uma identidade do território. Ele é de fato uma zona de agricultura

familiar muito forte, com intervenção forte e histórica de muitas organizações (MOC, FATRES, APAEB, Igrejas). Todo o território tem, também, o sisal, a pecuária, o milho e o feijão como atividades agrícolas comuns.

Uma descrição mais detalhada das 4 zonas serão apresentadas na tabela das paginas seguintes.

De uma maneira sintética, os elementos específicos dessas regiões são :

- uma repartição específica das zonas de produção (mapa 2) como nos lembramos antes.

*Mapa 2 : Localização das atividades produtivas no Território do Sisal.*

- a repartição da chuva e o relevo (ver o mapa 3). O relevo é importante no Norte, as chuvas são mais importantes nas regiões Oeste, Sul e Leste. A zona Norte e o centro do território sofre de uma seca importante. As medidas das chuvas variam de 500 até 960 mm na região.

*Mapa 3 : repartição da precipitação no Território do Sisal*

- os solos (mapa 4): o Levantamento Exploratório dos Solos do Estado da Bahia, apesar de sua escala não permitir identificar manchas de grande importância territorial, mostra uma perfeita repartição das zonas identificadas nas entrevistas (apresentação na tabela seguinte).

*Mapa 4 : Os solos no Território do Sisal*

- as estradas: as regiões são cortadas por diferentes estradas : as zonas oeste e sul tem uma ligação direta mais acentuada com a estrada Salvador-Juazeiro e na zona Leste com a BR 116.

- as cidades mais importantes ficam na zona Oeste e Sul (Valente, Serrinha, Conceição do Coité e Santa Luz). A densidade demográfica é grande no Sul em função das cidades mais importantes do Território.

- os fluxos de população são diferentes: o da zona Norte é voltado para Senhor de Bomfim e para Euclides da Cunha, no Leste para Ribeira do Pombal, no Oeste para Conceição do Coité, Serrinha e Feira de Santana.

- o nível de degradação da caatinga (mapa 5) tem uma relação com as zonas e a ocupação do espaço. A caatinga quase desapareceu no Sul, na zona de agricultura diversificada, dêem função da antiga ocupação por pequenos agricultores. No Oeste, podemos destacar a presença de capoeira (o mapa não faz a diferença entre a caatinga e a capoeira) que foi formada com a diminuição da cultura do sisal. Como o retorno dessa cultura, a capoeira é novamente

desmatada. Onde a pecuária está presente, a caatinga praticamente desapareceu (caso da zona oriental de Queimadas e Santa Luz).

*Mapa 5 : presença da caatinga no Território do Sisal.*

- O IDH (Índice de desenvolvimento humano) segue a lógica das 4 zonas (mapa 6): mais forte no Oeste e no Sul (índice de 0,68), mais baixos no Norte e no Leste (0,53). A relação é logicamente inversa para o índice de pobreza (de 44% a 71% nas mesmas regiões) – mapa 7.

*Mapas 6 e 7 : IDH e índice de pobreza no Território do Sisal*

- a repartição da terra (mapa 8 que apresenta um indicador qualitativo relativo) é semelhante entre as zonas Norte e Leste, onde ocorre uma concentração média das terras. A zona Oeste apresenta uma situação diferenciada: forte concentração onde tem a pecuária de bovinos (Queimadas, Santa Luz e Candéal) e baixa nas zonas de agricultura familiar forte como Valente, São Domingos, Retirolândia, Conceição do Coité e Ichu. Na região ao redor da cidade de Serrinha ocorre a mesma dinâmica (baixa concentração) exceto para o município de Lamarão. O Território tem 15 assentamentos e 5 acampamentos.

*Mapa 8 : Nível das associações no Território do Sisal*

- O índice de Gini (que caracteriza a distribuição de renda, 1 sendo o nível mais elevado de concentração) é diferenciado (mapa 9). O nível mais elevado obtido no município de Queimadas deve ser resultante da concentração da terra. Os níveis de Itiúba, Cansação e Quijingue devem, quanto a eles, ser consequência de uma grande diferença entre as rendas do campo e a das cidades.

*Mapa 9 : índice de Gini no Território do Sisal*

- O exercício do poder municipal parece “mais tradicional” no Norte e mais “moderno” no Sul da região (para citar uma pessoa entrevistada).

O Território conhece poucos conflitos de terra. Não tem também conflitos abertos entre agricultores familiares e grandes produtores.

As capacidades (de articulação de mobilização e etc) das associações, que são representadas no mapa 10 (que apresenta um indicador qualitativo relativo), são muitos ligados ao trabalho que foi feito pelas igrejas (e então a presença das cidades de fora do Território) que, depois, foram fortalecidos pelo trabalho do MOC, da APAEB e da FATRES.

*Mapa 10 : mapa de concentração das terras no Território do Sisal*

Podemos também destacar um processo de emigração dos municípios de Conceição do Coité, São Domingos, Queimadas e Quijingue. **Porque ??**

A ocupação do espaço pelas atividades produtivas é apresentada no mapa e é comentada na tabela seguinte.



	<b>Especificidade da zona</b>	<b>Sistemas produtivos</b>	<b>Caraterização social</b>	<b>Dinâmicas da região</b>
Zona seca (O Norte)	Pobreza, isolamento da região sobretudo a região central.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caprinocultura no Norte da região (seca mais forte).</li> <li>Caprinovicultura no Sul e no corredor Fundo de pasto nos municípios de Itiuba e Monte Santo.</li> <li>Mandioca presente sobretudo na região de Cansanção (24 casas de farinha).</li> <li>- Tipologia : presença importante da AF, com grupos.</li> <li>- Pesca (150 famílias) no açude Poço Grande e açude Jacurici (com 70 famílias e 250 tradicionais) fora das associações.</li> <li>- Ao redor de Quijingue, forte presença de grandes produtores de feijão.</li> <li>- Mineração (sobretudo de Ouro) forte no Sul da região de Nordestina e Cansanção, Quijingue que causa problemas de poluição no Rio Itapicuru.</li> <li>- Degradação da Caatinga.</li> <li>- Presença marcante de neossolos litólicos com topografia ondulada a fortemente ondulada, associados a neossol regolitos eutroficados, levam ao predomínio da pecuária de pequenos ruminantes (caprinos ao norte e ovinos e caprinos no corredor central, extrativismo (licuri e caroá). Nas manchas com maior altitude das chapadas há presença de sisal e outras cultura mais exigentes. Províncias minerais já são exploradas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quijingue : por causa do isolamento e da pobreza, emigração forte nos outros municípios (muitos empregados vem de lá) e fora do Território.</li> <li>- Relação com a tipologia da agricultura familiar : grupo 4 sobretudo, pouco do grupo 3 e 5.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Degradação da Caatinga.</li> <li>- Fluxos de população forte para os outros municípios.</li> <li>Fluxos da população para Senhor do Bonfim e Euclides da Cunha.</li> </ul>

<p>Zona do sisal e da pecuaria (O Oeste)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Zona que constitui a identidade do Território.</li> <li>- Zona do sisal e da pecuaria.</li> <li>- Mais de chuvas no Oeste.</li> <li>- Organização urbana com Santa Luz (comercio forte e materia forte), Valente (usinas), Conceição do Coité (industrias e comercio fortes).</li> <li>- Concentração das terras em Queimadas e Santa Luz.</li> <li>- Artesanato em Valente importante.</li> </ul>	<p>Sisal e agricultura diversificada com base do milho, feijão e mandioca presentes na região toda. Localização das produções importantes (do Norte ao Sul):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Itiuba : Leite e mandioca AF . Zona de irrigação com produção de hortaliças e forrageiras. Municipio muito rural.</li> <li>- Queimadas : bovinos de leite no Norte e Sul (AF), o resto e pecuaria de corte (grandes produtores).</li> <li>- Santaluz : bovinos de corte e leite (grandes produtores) e Sisal (AF no tudo o municipio e grandes produtores no leste da região).</li> <li>- São Domingos, Valente e Retirolândia: Ovinos (corte) e caprinocultura de leite com (3 laticinias presentes).</li> <li>- Conceição do Conceição do Coité : mesma situação e mandioca importante no Sul (AF), processamento forte no Sul para os beijos. Presença do sisal na parte norte e leste (AF).</li> <li>- Ichu e Candeal : bovinos de leite e corte AF e Grandes produtores misturada (1 fazenda faz 20% do municipio em Caudeal), queijo em Caudeal. A capoeira que e de novo esta eliminada por causa da novas plantações do Sisal. Forte degradação quando tem a pecuaria.</li> <li>- Caracterizada por solos planosolo háplico de fertilidade média/alta, argilosos e pedregosos, pouco profundos e topografia suave ondulada a ondulada. Manchas de solos mais arenosos e planos estão relacionados à mandiocultura em Itiúba, bem como os neossolos litólicos de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Região mais rica.</li> <li>- Organizações fortes.</li> <li>- Região de atuação mais antiga do MOC, APAEB (usina de tapete em Valente) e FATRES. Sebrae apoia a produção de mandioca no Canceição do Conceição do Coité com a prefeitura.</li> <li>- Relação com a tipologia: presença (por importancia) dos grupos 4,5, 7 e 1. Os grupos 4 e 7 são específicos dessa zona.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aumento da produção na região.</li> <li>- Emigração forte dos jovens de São Domingos para São Paulo.</li> <li>- Fluxos da população para o Sul (Feira de Santana).</li> </ul>
----------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		topografia fortemente ondulada nas serras ao norte e pontuais na zona.		
Zona da agricultura diversificada (Zona Sul)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Zona organizada pela cidade de Serrinha.</li> <li>- Muitos pequenos municípios que vêm da divisão do município de Serrinha (capital administrativa).</li> <li>- Agricultura periurbana : pluriatividade forte, trabalho em Serrinha importante, chakras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agricultura diversificada e ovinocultura com predomínio de mandioca no Norte da zona.</li> <li>- Minifúndios. Muitos pequenos agricultores.</li> <li>- Presença de diferentes solos (Neossolos - litólicos distróficos e eutróficos – rególicos e háplico ; neossolo quartzarênico) que permitem uma diversidade das condições de cultura.</li> </ul>	Relação com a tipologia : presença dos grupos 3, 1 e poucos dos grupos 6 e 5.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fluxos da população para o Sul (Feira de Santana).</li> <li>- Tem pessoas que trabalha nessa cidade e que voltam cada dia ou cada fim de semana para Serrinha.</li> </ul>
Zona do milho e feijão intensivos (Leste)	Mais de chuva no Leste. Zona de Cerrado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agricultura diversificada (mandioca, ovinocaprinocultura, milho, feijão).</li> <li>- Zona de caju no Leste.</li> <li>- Existiu uma zona de grandes produtores de milho e feijão.</li> <li>- Erosão importante dos solos por causa da intensidade das culturas.</li> <li>- Domínio dos latossolos e outras classes associadas, de fertilidade baixa a média, com topografia plana a suave ondulada, permite o</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muitos arrendatários e meeiros no Leste da estrada.</li> <li>- Do outro lado, são mais AF e grandes produtores.</li> <li>- Tipologia : grupos 1, 3, 6 e 2 e um pouco do 5.</li> <li>O grupo 2 é específico dessa zona.</li> </ul>	Fluxos da população para Pombal.

		<p>desenvolvimento de atividades mais intensivas (milho e feijão) e, associadas à diversidade de precipitação e material de origem, a presença de machas de cerrado a atividade extrativista (umbu, mangaba etc) e fruticultura de sequeiro (caju) de forma comercial. Parte desta Zona, diferentemente das demais encontra-se sobre uma base sedimentar, propiciando água subterrânea de boa qualidade e vazões.</p>		
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

## A modelização cartográfica do território

Uma representação esquemática pode ser construída da maneira seguinte, focalizando-se sobre a representação da chuva (Azul), os eixos de comunicação (vermelho) e as cidades, o Sisal e a pecuária (violeta).

## A tipologia dos produtores

### Metodologia

Um trabalho complementar foi de contruir uma tipologia dos agricultores familiares. Foram utilizadas perguntas e provocações que levassem aos informantes chaves e a uma descrição e caracterização dos diferentes tipos de produtores, suas estratégias de produção, aporte tecnológico e inserção nos mercados. As informações obtidas devem ser validadas à campo e, à medida em que novas informações se tornem necessárias, consultas aos dados dos censos demográfico e agropecuário, das prefeituras de demais entidades, devem se feitas.

A construção de um zoneamento e de uma tipologia não se esgota *per se*, eles são complementados, alterados e validados de forma contínua. Não são um “instantâneo” da realidade, e sim um “filme” dessa realidade, onde as dinâmicas evolutivas podem ser visualizadas.

### Resultados

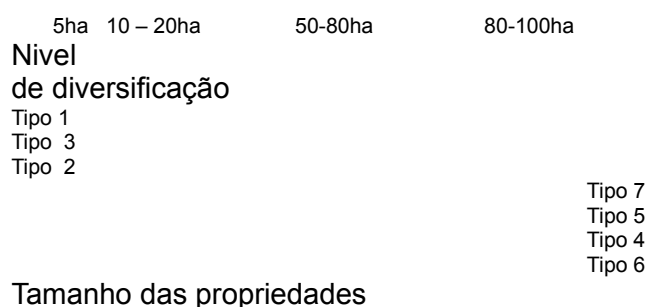
Foram definidos grandes eixos de abordagem que possibilitassem um entendimento amplo das realidades. Segmentação dos agricultores em função de características marcantes e simultaneamente generalistas da agricultura familiar foi necessária. Das discussões preliminares surgiram diferentes características. Porém a disponibilidade do recurso terra e o grau de diversificação / especialização dos agricultores, nos pareceu o mais adequado e de maior facilidade de entendimento pelos diferentes atores.

<b>Tipo</b>	<b>Caracterização do tipo</b>
1	<b>Mandiocultores</b> Produtores com áreas de até 20ha; produzem farinha; consórcio com culturas alimentares; a venda de mão-de-obra é rotineira; localizam-se, principalmente nas zonas leste (Zona do milho e feijão) e sul (Zona da Agricultura Diversificada), em

	<p>Serrinha, Conceição do Coité, Lamarão, Cansanção, Itiúba e Biringinga principalmente, na zona oeste (Zona do Milho e Feijão) e difusamente no território. Em Conceição do Coité, esta tipologia têm na mandioca e seu processamento atividades quase exclusivas, na entressafra adquirem fécula de outras regiões para produzir bejú; venda para a CONAB, feiras e supermercados e PMs; têm apoio do SEBRAE (capacitações) e SEAGRI-PM; as propriedades têm, em média, menos de 5ha.</p>
2	<p><b>Produtores familiares comerciais de feijão e milho</b>  Propriedades com áreas superiores a 10ha; este grupo agrega produtores familiares com foco no mercado; a presença de meeiros e arrendatários é comum; têm grande importância econômica para o território pois detêm boa parte da produção de feijão e milho e utilizam mão-de-obra em larga escala; estão localizados, principalmente, na região leste (Zona do Milho e Feijão) e difusamente por todo o território, onde as condições locais favoreçam a atividade.</p>
3	<p><b>Caprinovocultores familiares, que têm a mandiocultura como atividade secundária de maior importância.</b>  Propriedades com área de 5 a 50ha; percentual significativo das propriedades ocupadas com mandioca; a apicultura, a avicultura, a suinocultura, as culturas alimentares e venda de mão-de-obra complementam o sistema; a castanha de caju participa com bom percentual da renda para os produtores nos municípios de Tucano e Lamarão; em Tucano o plantio racional de caju começa a ser significativo; uso de mão-de-obra familiar com algum trabalho assalariado esporádico (colheita e processamento da mandioca); começam a ser observadas propriedades onde o extrativismo de frutas (umbu, principalmente) está presente; venda dos produtos para atravessadores e CONAB (ainda incipiente); localizam-se, principalmente, na zona sul/leste (Zona do Milho e Feijão e Zona da Agricultura Diversificada) do território e difusamente em toda porção dominada pelos neossolos quartarzenicos; no município de Itiúba a bovinocultura leiteira está associada a esta tipologia; acesso a água restrito no período seco do ano; acesso a AT razoável em função de estarem relacionados ao público alvo das entidades de AT do território.</p>
4	<p><b>Caprinovocultores, familiares, que têm o sisal como atividade secundária de maior importância.</b>  Propriedades com área de 5 a 50ha (com média superior à da tipologia anterior); alguns produzem leite de cabra (entorno de Valente); percentual significativo das propriedades ocupadas com sisal (consórcio da principal com a atividade secundária); a mandioca, a apicultura, a avicultura, a suinocultura e as culturas alimentares complementam o sistema; uso de mão-de-obra familiar com algum trabalho assalariado esporádico (colheita do sisal); o artesanato começa a participar ativamente da renda; reserva forrageira estratégica baseada na palma e no resíduo do sisal (geralmente insuficientes); venda do leite de cabra para a APAEB outros; venda de animais para atravessadores; localizam-se por todo o território com maior concentração na zona oeste (Zona do Sisal, principalmente no entorno de Valente e Retirolândia) e zona ao sul (Zona da Agricultura Diversificada, principalmente em Conceição do Coité); acesso a água restrito no período seco do ano; acesso a AT razoável em função de estarem relacionados ao público alvo das entidades de AT do território.</p>
5	<p><b>Produtores de leite familiares.</b>  Propriedades com área em torno de 50ha; ordenha manual; produção média inferior a 50l/dia/propriedade, com grande variação estacional; rebanho baseado no “Girolando” e mestiços de Pardo Suíço, produtividade média de 4l/vaca/dia;</p>

	<p>representam 70% dos produtores e 60% da produção; produção à pasto com suplementação na seca com insumos externos ao sistema de produção; boa parte utiliza reservas forrageiras estratégicas, geralmente insuficientes, (baseadas na palma forrageira e alguma ensilagem); têm na caprinovinocultura a segunda atividade de maior importância; o sisal, a mandioca, a avicultura, a suinocultura e as culturas alimentares complementam o sistema de produção; uso de mão-de-obra familiar com algum trabalho assalariado esporádico; pouco ou nenhum acesso a AT; acesso a água restrito no período seco do ano; venda da produção “porta-em-porta”, principalmente, para queijarias e indústria (parte já começa a ser direcionada para a CONAB); localizam-se, principalmente, nas zonas oeste (Zona do Sisal) e sul (Zona da Agricultura Diversificada) e difusamente em todo o território, porém com maior concentração junto aos centros urbanos.</p>
6	<p><b>Caprinovinocultores familiares, onde a caatinga é a base alimentar.</b>  Propriedades de 20 a 100ha (presença de “fundos de pasto” em Monte Santo, principalmente); culturas alimentares e sisal podem estar presentes; o extrativismo de licuri, umbu, caroá e apicultura são significativos em diversas comunidades; produtos vendidos a atravessadores; algumas comunidades estão organizadas para produzir e comercializar, porém em número muito pequeno; localizam-se, principalmente, nas zonas norte (principalmente), central (Zona Seca), e leste (Zona do Milho e Feijão) do território e, difusamente, nas partes mais secas; fornecem mão-de-obra não qualificada às mineradoras e outros produtores; atuam, também, como mineiros, sazonalmente; acesso a água restrito no período seco do ano; acesso a AT razoável em função de estarem relacionados ao público alvo das entidades de AT do território.</p>
7	<p><b>Produtores familiares de sisal</b>  Áreas até 100ha; têm a ovinocultura como atividade complementar; têm bom nível tecnológico na produção de sisal; venda para atravessadores e indústrias; representam um número de produtores inferior à tipologia 4 (tipo: Caprinovinocultores familiares, que têm o sisal como atividade secundária de maior importância), porém com índices de produtividade superiores; estão localizados, na zona oeste (Zona do Sisal), principalmente em Valente, Retirolândia, São Domingos e Santa Luz e em assentamentos em Itiúba e Cansanção; não adotam estratégias de mitigação de efeitos das secas periódicas; também adotam o consórcio com a ovinocultura, porém mais cuidadoso; acesso a água restrito no período seco do ano; acesso a AT razoável em função de estarem relacionados ao público alvo das entidades de AT do território.</p>

O gráfico seguinte fornece uma representação sintética dos tipos juntando a disponibilidade do recurso terra e do grau de diversificação das atividades:



## **Evolução dos grupos**

A crise da atividade sisaleira com o advento das fibras sintéticas, permite traçar, para esta atividade um quadro evolutivo bastante interessante. No início do século XX a atividade conheceu seu apogeu. Toda porção oeste, sul, parte da leste e da norte do território, mesmo com condições marginais para a cultura, tinham na atividade sua maior fonte de renda. Com a queda de preços das fibras naturais, somente os locais de maior aptidão e onde os produtores a encaravam de forma profissional, mantiveram a atividade. Isto pode ser claramente observado na grande redução de área ocupada com sisal nos solos de aptidão marginal ou média, com uma crescente ocupação da pecuária bovina de corte, principalmente e de leite. A concentração das terras passa a ser observada. É necessário, porém, que seja avaliada a real estrutura fundiária existente na primeira metade do século XX, bem como as relações de trabalho específicas da atividade.

A manutenção de áreas mais restritas de sisal, onde a produtividade e estabilidade da produção representavam a segurança dos novos sistemas de produção, agregou uma atividade pecuária ovina de corte e caprina de leite como atividades secundárias que pouco a pouco, principalmente a pecuária ovina, passaram a sobrepujar a atividade tradicional do sisal em importância econômica. Com a retomada dos preços internacionais das fibras naturais, é possível observar, hoje, produtores em que o sisal é a atividade principal e a pecuária a atividade secundária e vice-versa. Estes arranjos produtivos estão intimamente relacionados com as condições locais (disponibilidade de mão-de-obra e degradação dos recursos naturais – solo e vegetação). Os produtores de leite têm na sua maior parte, origem de produtores de sisal de menor porte. Esta tipologia parece ser a de menor mobilidade para novos arranjos produtivos mais intensivos. A percepção de entrada de renda mais próxima e grande percentual de tempo ocupado com a atividade dificultam mudanças no curto prazo, além de uma tendência evidenciada pelos informantes - chave de expansão. Com a crescente saída dos jovens, a pecuária bovina leiteira tende a uma atividade mista com a atividade de corte como perspectiva. O contrário vem ocorrendo com a pecuária caprina de leite, onde é visível sua substituição pela pecuária ovina de corte associada ao sisal com maior aporte tecnológico.

Os mandiocultores, principalmente os situados no entorno de Conceição do Coité, atingiram um grau de especialização da atividade pouco observado nos demais grupos. Com áreas reduzidas, agregaram valor à sua atividade. Nos períodos de entressafra a matéria prima do



bejú vem de outras regiões da Bahia de do Brasil (Paraná). Estes agricultores que têm, hoje, na atividade rural não agrícola (processamento da mandioca) sua maior fonte de renda. Eles evoluíram de pequenos produtores de mandioca, com processamento tradicional muito arcaico e pobres para um dos seguimentos de maior estabilidade econômico – financeira dentre os agricultores familiares do território. Os demais mandiocultores ainda são caracterizados como os de menor renda, porém apresentam elevado grau de diversificação. Os incentivos e aumento de demanda por produtos nativos (frutas, artesanato e oleaginosas) passam a compor cada vez mais a renda, não só desta tipologia mas dos produtores em que a caprinocultura, o sisal e culturas alimentares fazem parte dos sistemas de produção.

Conforme a essas considerações, todos os tipos da tipologia estão crescendo exeto os grupos 3 e 6 cuja a atividades de caprinocultura diminua, por razão de diminuição da caatinga, que contitua a base da alimentação dos caprinos no caso do grupo 6 e no caso de um “casamento” difícil entre as atividades de pecuaria e sisal.

## **Os problemas do território**

Os principais problemas que acontecem no Território são, segundo as pessoas chaves entrevistadas, os seguintes :

### Os problemas sociais e económicos :

- A violência no campo que cresce por causa da aposentadoria e das bolsas familias que fazem crescer o dinheiro presente no campo. São sobretudo os jovens das cidades que assaltam as pessoas no campo. Isso explica em parte a migração das pessoas mais velhas nas cidades.
- A educação fraca e a taxa importante de analfabetismo, sobretudo no campo, que se traduz também por uma falta de conhecimentos dos agricultores. Para illustrar isso, na região Norte, 4 municipios tinha em 2000, uma percentagem de pessoas de mais de 25 anos com menos de quatro anos de estudo, comprido entre 78 e 85%.
- Os problemas ligados a saúde das pessoas, consequência da falta de equipamento e dos hospitais de qualidade no Território (as pessoas tem que viajar para Feira de Santana par obter um servico de qualidade).
- A exclusão social dos trabalhadores das pedras cujo o trabalho e muito difícil e pouco reconhecido.
- A fraca geração de renda no campo por falta de agregação de valor dos produtos agricolas; presisaria-se de um estruturação mais importante das cadeias produtivas.

### Os problemas ambientais :

- a produção de carvão (que muitas vezes fica com a última atividade produtiva nas zonas Norte e Centro ao fim do período seco) e o desflorescimento da caatinga.
- a poluição com o mercúrio do Rio Itapicuru, consequência das atividades minerais.
- os modelos de desenvolvimento que aparecem diferentes para a agricultura familiar. Muitas pessoas entrevistadas apontaram o fato de que havia dois modelos bem diferenciados entre as instituições de apoio. Algumas delas têm uma visão mais “moderna” da agricultura familiar (integrado ao mercado, com técnicas eficientes) e outras defendem uma visão mais próxima da agro-ecologia cuja a autonomia dos estabelecimentos rurais fica mais forte.

### **As evoluções no território**

As evoluções registradas pelo Território são ligadas aos elementos seguintes :

- Uma urbanização forte e um processo de povoamento no campo importante com consequência um processo de favelização consolidado na periferia das cidades, mesmas pequenas, e um aumento da pobreza urbana. A violência no campo é uma consequência desses processos. As migrações entre o campo e a cidade estão estabilizando por causa do fortalecimento dos processos produtivos mais continua por causa das condições de saúde, de desemprego, de educação, de falta de equipamento.
- A diminuição da pobreza no campo por razão das bolsas famílias e da aposentadoria sobretudo.
- a pecuarização da região: a pecuária é presente no território todo. Esta atividade está crescendo por causa da seca e dos programas do governo que ajuda a criar mercado, como no caso do leite com a Conab. Em alguns municípios, as pequenas propriedades são vendidas para consolidar os grandes produtores.
- O fortalecimento dos processos produtivos: já nos falamos dos programas governamentais (Pronaf, Conab, Luz para todos, bolsas famílias, aposentadoria) que fortalecem a produção, e por consequência o fortalecimento da agricultura familiar, e das condições internacionais que favorece de novo a cultura do sisal. As evoluções registradas para as atividades agrícolas conhecem uma dinâmica boa porque muitas delas estão crescendo : a mandioca, o feijão, o milho, a pecuária de leite, a ovinocultura, o sisal e a apicultura, a pecuária de corte. Do outro lado, a caprinocultura de leite e de corte estão diminuindo. As razões disso são ligadas a o preço do leite considerado como alto e que não encontra mercados e a carne de carneiro que conhece um maior sucesso que a do bode.

- Uma degradação do meio-ambiente: já falamos dos problemas da degradação da caatinga e da contaminação forte do Rio Itapicuru a partir das atividades de mineração. Não tem realmente problemas de utilização de venenos nas culturas.

### **Avaliação e continuação do trabalho**

De uma maneira geral, os participantes expressaram sua satisfação diante da restituição de resultados desse trabalho. Destacaram a importância desse trabalho para o Território. Ele ajudou a entender a organização e o funcionamento do Território, saindo das visões segmentarias. É mais fácil assim de entender as relações entre os diferentes elementos, sobretudo a relação entre os parâmetros biofísicos e sociais.

Estimaram necessário 1) de reproduzir este debate ao nível da base e de seguir aprofundando a reflexão sobre os aspectos da implementação das ações do núcleo técnico, 2) de organizar as atividades das instituições a partir da diversidade espacial e social. Cuidado, já nos dissemos na introdução que não foi um zoneamento preciso da ocupação do solo do Território. É mais para refletir o como levar em conta essa diversidade.

Os próximos passos do trabalho seria de fechar o trabalho de diagnóstico. De fato, ele precisa ser afinado e validado, sobretudo sobre a localização das atividades. Poderia ser um dos trabalhos do Núcleo durante as semanas que vem. Segundo passo, os resultados poderiam ser apresentados no Codes de maneira a construir um debate permitindo uma visão compartilhada da realidade do Território. Uma visão integrada e compartilhada das dinâmicas territoriais possibilita aos atores sociais evitar as perspectivas de recorte estritamente setorial, que apesar do conhecimento mais especializado que produzem, não permitem uma visão sistêmica, apoiando dessa forma a discussão, planejamento das ações e políticas públicas a serem implementadas com bases sustentáveis. Nós poderíamos aproveitar de uma visita de nossa parte ao fim do ano.

Teria ainda um trabalho importante a conduzir sobre o jogo dos atores e as relações entre esses atores, seus projetos e o estado dos recursos que daí derivam (sua apropriação, sua utilização, seu estado de degradação). Trataria-se portanto, e isto é fundamental, de entender as lógicas que induzem as dinâmicas analisadas, os grandes “determinantes”, as grandes causas em relação aos projetos societários dominantes. Pois são muitas vezes os conflitos e as alianças entre os atores sociais e as relações de poder através de dispositivos de coordenação, que vão permitir a concretização dos projetos dominantes e que vão impedir os outros de se expressarem. Analisar o jogo dos atores e as condições de governança do território é portanto

capital. Mais e verdade que este trabalho seria mais interessante para o Codes que par o núcleo técnico.

No decorrer desta análise e a partir dos resultados obtidos nas etapas anteriormente descritas, poderíamos também focar as grandes evoluções que sofreu o território. O objetivo será, portanto, de caracterizar os períodos-chaves de evolução das dinâmicas sociais e espaciais e os elementos explicativos que lhes são ligados. Esses elementos podem provir de diversos fatores endógenos (por exemplo, deslocamento de população dentro do território, mudança de poder, novos atores...) ou exógenos ao território (flutuação dos preços de uma matéria prima). Esses elementos vão se traduzir numa transformação, numa evolução, numa mudança do território que tomará diversas formas.

Essas dinâmicas territoriais vão induzir uma transição para uma situação outra, seja ela melhor ou pior, do território. Elas refletem assim as tendências de evolução do território, quais sejam as tendências sociais ou espaciais (em que direção se desloca tal ou tal atividade ou quais são as que aparecem). Essas tendências podem ser prolongadas com o objetivo de estabelecer os cenários de evolução “tendencial” do território. Torna se então possível para os atores locais, a partir do conhecimento das dinâmicas territoriais atuais, identificarem outros cenários e os elementos a tomar em consideração para serem modificados ou, pelo contrário, fortalecidos para chegar lá.

#### **Anexo :**

Mapa da densidade demográfica do Território do Sisal.